

Jazz

8 de novembro 2012

Ciclo “Isto é Jazz?”

Comissário: Pedro Costa

Gabriel Ferrandini, Pedro Sousa, Johan Berthling

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

Culturgest



Bateria Gabriel Ferrandini
Saxofone Pedro Sousa
Contrabaixo Johan Berthling



A necessidade de ser plural

No domínio da música livremente improvisada – e até do jazz descendente da abordagem *free* –, é frequente a formação de novos, e a maior parte das vezes efémeros, grupos envolvendo instrumentistas de origens geográficas diversas e percursos distintos. Em comum, esses músicos têm apenas a habilidade de improvisar, nenhum outro motivo explicando a sua reunião numa certa data e em determinado local.

É evidente que há uma regra nestas junções: assegura-se a possibilidade de se suscitarem afinidades, procurando colaborações que possam exponenciar coletivamente as características individuais dos participantes. Nem sempre tal acontece, porém, até porque o conflito também é valorizado quando se trata de improvisação. Afinal, as diferenças podem providenciar melhores *performances*, e estas, geralmente, são as que dispensam a busca de compromissos e denominadores comuns quase sempre esterilizantes. E dizemos “quase” porque, em arte, tudo é relativo...

Quando o comissário da série “Isto é Jazz?”, Pedro Costa, teve a ideia de juntar os portugueses Pedro Sousa e Gabriel Ferrandini ao sueco Johan Berthling, teve em conta, simultaneamente, o que os distingue e o que os une. A ligação ao jazz de Berthling é mais constante e efetiva do que as de Sousa e Ferrandini, cujos trajetos se coadunam mais com o “não-idiomatismo” teorizado por Derek Bailey em envolvimentos como o do duo Falaise,

do primeiro, e do Red Trio, por parte do baterista. Este só é mais jazz com o Rodrigo Amado Motion Trio, mas como diz: «Jazz? O que é o jazz? Ainda estou a tentar perceber...»

Assim se providencia, à partida, que as abordagens que se façam ao jazz não sejam literais e que o problematizador mote deste ciclo de concertos se mantenha em aberto. Para todos os efeitos, se há um “jazz” que tanto esticou as fronteiras identificatórias do género que já não é pacífico utilizar esse rótulo, figuras estilísticas existem (em termos técnicos e de vocabulário) que outra coisa não podem ser senão jazzísticas.

E depois há a outra face destes improvisadores. Todos eles têm um passado e um presente de dedicação a outras músicas, como o *punk*, o *ska*, a *club music*, a eletrónica experimental, o rock *indie*, o formato popular da canção – Ferrandini é, por exemplo, um admirador confesso da MPB, talvez devido aos seus antecedentes familiares brasileiros.

Sousa pertenceu ao trio de música digital abstrata OTO, quando as suas principais ferramentas de trabalho eram os *samplers* e não os saxofones, e é um dos vetores da trupe de eletroacústica minimalista, e organizada por *drones* (bordões), que dá pelo nome de Pão. Mais recentemente, tem atuado ao vivo com a banda de *stoner* rock Black Bombaim. Berthling foi um dos fundadores do grupo de *avant-pop* Tape, que conquistou fama considerável em toda a Escandinávia. Ferrandini tem uma parceria no âmbito do *noise* com Pedro Gomes («puro terrorismo das trevas

Qui 8 de novembro
 21h30 · Pequeno Auditório · Duração: 1h · M3

podres», assim a descreve com humor) e outra no da *drone music* com David Maranhã, Manuel Mota e Margarida Garcia. Sousa e Ferrandini estã empenhados em projetos neopsicadélicos com o guitarrista Filipe Felizardo e membros dos roqueiros Sunflare.

Ciente de que a música improvisada se tornou tão idiomática quanto todas as outras, e mais ainda de que nela transparecem inevitavelmente elementos dos vários idiomas musicais que possam interessar aos intervenientes (nesse sentido consistindo a tal “música não-idiomática”, na verdade, numa prática “trans-idiomática”), Pedro Costa apostou nestes três nomes na expectativa de que os seus improvisos veiculem as multifacetadas personalidades que combinou. De engenharia, pois, se trata, projetando na música que venha a acontecer o conhecimento que o programador tem das pessoas em causa.

O que estas apresentam de particular é assim exponenciado por Johan Berthling: «Toda a música que toquei, ouvi e de que gosto é a bagagem que utilizo quando improviso. No meu mundo não há tipologias distintas na música. Gosto de estar entre os géneros e os estilos. Entediam-me os *mainstreams* de todos os géneros musicais. O que não quer dizer que eu não respeite os músicos que trabalham com idiomas definidos; simplesmente, isso não é para mim.»

Além dos riscos assumidos (os normais quando se lida com improvisação), há um que importa assinalar. Ainda que sejam jovens, Pedro Sousa e Gabriel Ferrandini têm uma longa cumplici-

dade que vai além do facto de estarem ambos presentes em várias formações, começando pelo dueto que mantêm. Acontece que cresceram musicalmente em conjunto, num historial que vem desde a adolescência.

Isto significa, com toda a probabilidade e mesmo sem que haja essa premeditação, que poderão construir situações a dois deixando Johan Berthling de fora. Mais uma vez, porém, Costa baseia-se no que pode esperar dos músicos: se a rotação da célula Sousa/Ferrandini lhe é uma garantia de solidez, a grande virtude improvisacional do contra-baixista de Estocolmo consiste na sua extrema flexibilidade. Ora, o facto de ter igualmente a capacidade de inscrever a sua voz muito própria em qualquer circunstância impede-o de apenas “ir atrás”...

Refere Pedro Sousa sobre as suas empatias com Ferrandini: «Conhecemo-nos precisamente por causa da música. Quando éramos putos fomos apresentados por um amigo comum que tinha o propósito de formar uma banda. Eu tocava guitarra na altura e o Gabriel já estava na bateria. O potencial de tocarmos juntos estava no encontro de pontos de referência simultaneamente antagónicos e comuns, o que nos permitiu uma maior abrangência de pontos de vista e uma experimentação mais genuína, com vista a percebermos o que fazer com o que gostávamos.»

«O Gabriel era um viciado em *punk*, *drum'n'bass* e jazz. Eu apreciava rock estranho, tipo Mr. Bungle e derivados, IDM e *world music*. Isto foi por volta dos nossos 16/17 anos. Depois de uma

década a tocarmos juntos, só podíamos ter evoluído. Hoje o duo é essencialmente um *mashup* de tudo o que ouvimos (ou não), mas limitado aos nossos instrumentos. Tentando (ou não) fazer algo de novo, único e que faça sentido (ou não) nas nossas vidas», continua o saxofonista.

Sousa e Ferrandini conhecem melhor a música improvisada e o jazz de Berthling do que o contrário. Este teve acesso apenas aos vídeos com a intervenção dos seus anfitriões que encontrou no Youtube («soam magnificamente e estou ansioso por tocar com eles», comenta), enquanto os portugueses o ouviram em disco e em concerto, com os *Angles* de Martin Kuchen e os *Fire!*. «Temos plena consciência do seu percurso e é exatamente por gostarmos do que faz, e até por nos referenciar-mos nele, que achamos que vamos assentar que nem uma luva», consideram Pedro e Gabriel. Pensamento que tornaram extensivo àquele que foi, recentemente, outro episódio da mesma fórmula: uma partilha do palco com Thurston Moore, dos já lendários *Sonic Youth*.

Em princípio, não vão existir partituras, estruturas predefinidas ou outras combinações prévias. Na boa tradição do improviso coletivo, todo e qualquer processo estruturante que surgir será espontâneo, intuitivo e interativo. «Não fazemos a mínima ideia do que irá acontecer. Podemos apenas esboçar vagamente nas nossas cabeças o que sairá do conjunto das nossas linguagens. Poderá haver influências rock, jazz, noise e até pura sujidade, mas o melhor é não pensar em nada disso e esperar

que sejamos surpreendidos», argumenta Gabriel Ferrandini.

«Saber que os meus companheiros de Lisboa têm o mesmo *background* que eu deixa-me encantado. Para mim, ter muitos interesses musicais e uma perspetiva aberta é imprescindível para me manter interessado. É ótimo que eles também sintam essa necessidade», remata Johan Berthling. Uma necessidade de pluralismo, de transversalidade enquanto «produção que retém as estruturas organizacionais num estado de devir», tal como a entende Félix Guattari.

Rui Eduardo Paes
Crítico de música, ensaísta

Gabriel Ferrandini

bateria

Nasceu em Monterey, na Califórnia, filho de pai português natural de Moçambique levado em criança para o Brasil e de mãe brasileira com ascendência italiana que se mudou para os Estados Unidos em plena adolescência. Começou a tocar bateria aos 13 anos. Primeiro frequentou a Crescendo, em S. João do Estoril, depois foi para a escola do Hot Clube e finalmente transitou para a Academia dos Amadores de Música, onde teve Alexandre Frazão como professor. Interessou-se inicialmente pelo *punk* e pelo *ska*. Depois interessou-se pelo *drum'n'bass*, pelo *jungle* e pelo *hip-hop*, ao mesmo tempo em que ia descobrindo o jazz. Com um estilo pessoal que se situa entre Paul Lovens e Paal Nilssen-Love, tem os bateristas Elvin Jones, Tony Williams, Billy Higgins, Roy Haynes e Max Roach como os seus heróis. É membro do Red Trio, do Rodrigo Amado Motion Trio e dos Nobuyasu Furuya Trio e Quintet, além de manter duos com Pedro Sousa, Pedro Gomes e David Maranha. Tocou com músicos como John Butcher, Nate Wooley, Jason Stein, Alberto Pinton, Rob Mazurek e Carlos “Zingaro”, entre outros.

Pedro Sousa

saxofone

Interessado desde a adolescência pelas práticas musicais das franjas, e com formação como autodidata, começou por integrar o grupo de música eletró-

nica OTO, no qual utilizava samplers e guitarra elétrica. Com os saxofones tenor e barítono tem-se multiplicado por uma série de projetos, como Falaise (com Hernâni Faustino), Pão (com Tiago Sousa e Travassos), Acre (com Filipe Felizardo e Gabriel Ferrandini), Eitr (com Pedro Lopes), Canzana (com Bruno Silva) e duo com Luís Lopes. Afirmou ele: «À luz de todos os acontecimentos que nos têm afetado de uma ou de outra maneira, o mero ruído de fundo, que parecia ser já um trauma inato da sociedade moderna, tornou-se tão gritante que nos rebentou com os tímpanos e o equilíbrio. Vivemos em torpor social, parasitados e afetados. Este pseudopacifismo apático afasta-nos de toda uma verdade e o caminho para esta passa por uma questionação interna diária. Chegada é a altura de decidir se carregamos o testemunho até ao fim ou se desistimos.»

Johan Berthling

contrabaixo

Nasceu na capital sueca e formou-se no Conservatório Real de Estocolmo. Tem percorrido os caminhos do jazz, da música improvisada e do rock alternativo, ao lado de figuras da primeira linha como David Stackenas, Sten Sandell, Fredrik Ljungkvist, Paal Nilssen-Love e Raymond Strid, entre muitos outros. Foi um dos fundadores do grupo de pop experimental Tape, que depressa alcançou um estatuto de culto, dada a original forma como associa instrumentos acústicos com eletrónica digital. Tornou-se num dos mais requisitados

contrabaixistas (e baixistas elétricos, tocando ainda teclados e guitarra) da cena escandinava. Integra o trio de free jazz-rock Fire!, liderado por Mats Gustafsson, com este tendo desenvolvido uma colaboração com o mais insigne “renascentista” da atualidade, o sempre desconcertante Jim O'Rourke. Certo, certo é que é tomado como um símbolo da polidiversidade do músico contemporâneo.



Culturgest, Espaço CarbonoZero®

A compensação das emissões de carbono decorrentes da utilização dos espaços da Culturgest, localizados no Edifício Sede da Caixa Geral de Depósitos, está integrada na estratégia do Grupo para o combate às alterações climáticas. Esta iniciativa enquadra-se num conjunto mais alargado de ações, que vão desde a inventariação das emissões associadas ao consumo de energia e ao tratamento dos resíduos produzidos nas instalações, à implementação de medidas de eficiência energética para redução das emissões. Com efeito, tem-se vindo a assistir a uma redução das emissões de carbono observando-se um decréscimo progressivo de cerca de 35% face a 2008. Esta é uma redução com tendência a acentuar-se com a implementação de um conjunto de medidas adicionais, estando prevista

uma redução total de 16 500 kWh/ano, o equivalente a cerca de 220 viagens de carro Lisboa-Porto.

Apesar de contribuírem para a redução das emissões de carbono, estas ações não são suficientes para evitar por completo estas emissões. Assim, as restantes emissões são compensadas através da aquisição de créditos de carbono provenientes de um projeto tecnológico localizado no Brasil e que cumpre os requisitos Voluntary Carbon Standard (VCS). A compensação das emissões inevitáveis da Culturgest constitui, assim, uma internalização da variável carbono decorrente da utilização dos seus espaços e contribui, igualmente, para a meta de neutralidade carbónica expressa no Programa Caixa Carbono Zero.

Mais informações em:
[www.cgd.pt/Institucional/
Caixa-Carbono-Zero](http://www.cgd.pt/Institucional/ Caixa-Carbono-Zero)



Próximo espetáculo

Labofilm & 1: O Lamento da Branca de Neve

de Olga Mesa

Espectáculo integrado
no Festival Temps d'Images

Dança / Performance / Cinema

Sex 9, sáb 10 novembro

Grande Auditório · 21h30 · Dur. 1h15 · M12

© Susana Paiva



Conceção, direção e coreografia Olga Mesa
Assistente de direção, vídeo e documentação Marta Rodriguez
Corpos operadores Sara Vaz e Olga Mesa
Criação sonora Jonathan Merlin
Dramaturgia e espacialização de textos Francisco Ruiz de Infante
Textos Robert Walser e Olga Mesa
Criação de luz Christophe Renaud
Direção técnica Ludovic Rivière
Colaboração vestuário Pierre Boileau
Fotografia Susana Paiva / Pierre Mercier
Administração (Fr) Natalie Ehsan-Ziah
Produção Cie. Olga Mesa / Hors Champ - Fuera de Campo (Fr-Es), Off Limits, Madrid (Es)

Labofilm & 1: O Lamento da Branca de Neve é um projeto que questiona, aprofunda e estabelece vínculos entre a poética da linguagem cinematográfica e o ato coreográfico. Olga Mesa parte desta relação para depurar a sua escrita artística: a coreografia e a mecânica da sensação, o fora de campo, a dupla / visão, a câmara cega, o corpo abandonado, os textos para (não) serem escutados.

Com *O Lamento da Branca de Neve* quero conhecer a matéria real dos sonhos; quero construir um sonho. Quero perder-me através de um espelho (não) visível onde o espectador se possa ver refletido; que possa sentir o seu próprio tempo e ter a sua visão. Quero que possa recordar que todos somos vítimas e carrascos, seres humanos perdidos, frágeis, abandonados, mas também capazes de matar. Porque a qualquer um de nós, como à Branca de Neve de Walser, podem perguntar-nos: “Pensas que te queria matar?”. Com este lamento quero que sejam visíveis, desde longe, os diferentes planos narrativos da Branca de Neve; a que se desperta com a memória da guerra e da infância dizendo: “mais do que ver, prefiro escutar”.

Olga Mesa

Conselho de Administração

Presidente

Fernando Faria de Oliveira

Administradores

Miguel Lobo Antunes

Margarida Ferraz

Assessores

Dança

Gil Mendo

Teatro

Francisco Frazão

Arte Contemporânea

Miguel Wandschneider

Serviço Educativo

Raquel dos Santos Arada

Pietra Fraga

Luísa Fonseca

estagiária

Direção de Produção

Margarida Mota

Produção e Secretariado

Patrícia Blázquez

Mariana Cardoso de Lemos

Jorge Epifânio

Exposições

Coordenação de Produção

Mário Valente

Produção

António Sequeira Lopes

Paula Tavares dos Santos

Fernando Teixeira

Culturgest Porto

Susana Sameiro

Rui Osório de Castro

Comunicação

Filipe Folhadela Moreira

Publicações

Marta Cardoso

Rosário Sousa Machado

Atividades Comerciais

Catarina Carmona

Patrícia Blazquez

Serviços Administrativos e Financeiros

Cristina Ribeiro

Paulo Silva

Teresa Figueiredo

Direção Técnica

Paulo Prata Ramos

Direção de Cena e Luzes

Horácio Fernandes

Assistente de direção cenotécnica

José Manuel Rodrigues

Audiovisuais

Américo Firmino

coordenador

Paulo Abrantes

Ricardo Guerreiro

Tiago Bernardo

Iluminação de Cena

Fernando Ricardo chefe

Nuno Alves

Maquinaria de Cena

Artur Brandão

Técnico Auxiliar

Álvaro Coelho

Frente de Casa

Rute Sousa

Bilheteira

Manuela Fialho

Edgar Andrade

Clara Troni

Receção

Sofia Fernandes

Ana Luísa Jacinto

Auxiliar Administrativo

Nuno Cunha

Coleção da Caixa Geral de Depósitos

Isabel Corte-Real

Inês Costa Dias

Maria Manuel Conceição

Edifício Sede da CGD

Rua Arco do Cego, 1000-300 Lisboa, Piso 1

Tel: 21 790 51 55 - Fax: 21 848 39 03

culturgest@cgd.pt - www.culturgest.pt

Culturgest, uma casa do mundo
